

09

A OPRESSÃO SENTIDA NOS CORPOS FEMININOS PELO VIÉS DE UMA LITERATURA GÓTICA BRASILEIRA

Mariana Oliveira Brito

Recebido em 09 out 2022.

Aprovado em 18 fev 2023.

Mariana Oliveira Brito

Graduada em Letras - Português/Literaturas pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Mestranda em Literatura Brasileira/Teoria da Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Mestranda em Estudos de Literatura (UFF) com bolsa Capes. Graduada em Letras (UFF). É integrante do grupo de pesquisa “Literatura de autoria feminina na Belle Époque brasileira: memória, esquecimento e repertório de exclusão”, coordenado pela professora Dra. Anna Faedrich.

Participa ativamente do curso Literatura de autoria feminina da Belle époque brasileira: memória, esquecimento e repertório de exclusão, coordenado pela professora Dra. Anna Faedrich Martins Lopez na Universidade Federal Fluminense.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8781639904589485>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7665-3284>.

E-mail: mariana_1998@outlook.com.

Resumo: Este estudo visa demonstrar, a partir da análise comparativa dos contos “As Rosas” (Ânsia eterna, 1903) da escritora Júlia Lopes de Almeida, e do conto “Venha ver o pôr do sol”, da escritora Lygia Fagundes Telles, a literatura do medo aliada ao universo feminino dentro de uma perspectiva crítica

por parte das escritoras, a fim de demonstrar suas críticas às violências às quais as mulheres foram submetidas por figuras masculinas patriarcais. Dito isso, a investigação terá como base os estudos sobre a literatura gótica a partir de Maurício Menon (2007); as observações da socióloga britânica Sylvia Theresa Walby (1990), que compreende o patriarcado como um modelo passível de transformações, assumindo diferentes graus ou formas; o livro *História das mulheres no Brasil* (2004), de Maria Del Priore; e as ideias de Gerda Lerner (2019). Dessa forma, pretendemos demonstrar, por meio da análise das personagens dos contos, como os homens constroem a ideia de feminilidade (encontros e desencontros) e o peso dessa construção sobre os corpos femininos diante das demandas da sociedade. Além disso, propõe-se apresentar uma proposta de ensino a partir do estudo dos contos para a sala de aula da educação básica.

Palavras chave: Julia Lopes de Almeida. Lygia Fagundes Telles. Mulheres. Literatura Gótica. Patriarcal. Feminilidade. Ensino.

Abstract: This study aims to demonstrate, from the comparative analysis of the short stories “As Rosas” (*Ânsia eterna*, 1903), by the writer Júlia Lopes de Almeida, and the short story “Venha ver o pôr do sol”, by the writer Lygia Fagundes Telles, the literature of fear allied to the feminine universe within a critical perspective of the parts of the writers, violence to which they demonstrate how women were changed by public figures. From this, the investigation will be based on studies on Gothic literature from Maurício Menon (2007); as observations of the British sociologist Sylvia Theresa Walby (1990), who understands the patriarchal as a model subject to transformations, different variants or forms; the book *History of Women in Brazil* (2004), by Maria Del Priore; and the ideas of Gerda Lerner (2019). With this, we

intend to demonstrate, through the analysis of the characters of the short stories, how men build an idea of femininity (meetings and disagreements) and the weight construction on female bodies in the face of society's demands. In addition, teaching-education presents a proposal from the study of tales to a basic education classroom.

Keywords: Julia Lopes de Almeida. Lygia Fagundes Telles. Women. Gothic Literature. Patriarchal. Femininity. Teaching.

Em meados do século XIX, até o início do século XX, a sociedade brasileira era baseada em um modelo patriarcal que mantinha todo o poder nas mãos dos homens. As mulheres eram vistas como inativas e tinham, como papel principal, a subordinação tanto privada quanto pública diante desse regime. Sylvia Theresa Walby, socióloga britânica, compreende o patriarcado como um modelo que pode sofrer transformações, assumindo diferentes graus ou formas. Em virtude disso, ela distingue duas formas de patriarcado — o público e o privado:

No patriarcado privado, por um lado, o homem, como pai ou marido, encontra-se na posição de opressor e de beneficiário da subordinação das mulheres [...] No patriarcado público, por outro lado, as mulheres têm acesso às esferas pública e privada, ou seja, sua participação política não é impedida formalmente [...] entretanto, a subordinação das mulheres persiste em ambas as esferas [...]. (WALBY, 2015, p. 21-22)

Walby divide o patriarcado em duas esferas: privado e público. Desse modo, podemos utilizar o seu conceito para mapear o patriarcalismo presente no Brasil e suas imposições no que tange

ao gênero feminino durante o século XIX, em que, na esfera privada, ocorreu uma intensificação da ideologia doméstica. No início do século XX, quando as mulheres começaram a lutar para ampliar seus papéis na sociedade, o patriarcalismo e sua disciplina rígida excluíram-nas da cena social de várias maneiras.

Segundo Mary Del Priore (2004), historiadora brasileira, durante o século XIX, a sociedade brasileira, em nível político, sofreu uma série de modificações. Nessa nova etapa, aconteceu o nascimento de uma nova mulher. Presenciamos, ainda nesse período, o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e a esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível (DEL PRIORE, 2004, p. 223).

Essa afirmação faz refletir acerca do conceito de feminilidade que, de acordo com Maria Rita Kehl, aparece: “[...] como um conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função das particularidades dos seus corpos e de sua capacidade procriadora” (KEHL, 2016, p. 42). Com isso, além de viverem sob a custódia e a ordem desse sistema, muitas mulheres sofriam, já que, muitas vezes, eram obrigadas a ouvir, de seu próprio pai, que haveriam de ter um menino como filho, pois, nesse contexto patriarcalista, era o filho quem levaria o nome e os bens do próprio pai, uma vez que às mulheres só caberia o papel de procriar e cuidar do lar.

Em seu livro *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens* (2019), a escritora Gerda Lerner

traz muitos questionamentos. Dentre eles, encontram-se ideias importantes sobre a dominação das mulheres por parte dos homens, que, segundo ela, foi a primeira forma de subjugação de um grupo de seres humanos por outro. Com isso, torna-se necessária a compreensão do termo patriarcado não como o poder do pai sobre a família, mas como o poder dos homens sobre as mulheres. Esse poder ditava tudo o que deveria ser feito e produzido com e sobre os corpos femininos.

Infelizmente, a vontade e o consentimento da mulher não eram relevantes, o que se faz presente ainda hoje. Júlia Lopes de Almeida, nascida no dia 24 de setembro de 1862, no Rio de Janeiro, filha de Antônia (musicista e pedagoga) e de Valentim (educador e médico), começou a escrever às escondidas, por temer a reação dos familiares, já que, naquela sociedade, “uma mulher honesta não poderia ser conhecida” (BILAC apud FAEDRICH, 2018, p. 166). Por isso, não cabia à mulher o papel de escritora: “[...] eu em moça fazia versos. Ah! Não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia ao mesmo tempo a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los...” (RIO, 1904, p. 28). Ao saber que a filha gostava de escrever, o pai a incentivou na tarefa de redigir um texto crítico sobre o espetáculo de Gemma Cuniberti. Foi a primeira crônica publicada de Júlia Lopes de Almeida, na Gazeta de Campinas.

A escritora da Belle Époque traz, em algumas de suas obras, a denúncia quanto às imposições ao gênero feminino e as consequências ante a fuga do ideal de mulher do século XIX, enfatizando, assim, o posicionamento de Lúcia Miguel Pereira quanto à sua obra: “Os contos de Ânsia Eterna parecem,

todavia, sua melhor obra, aquela em que, sem nada a perder a sua singeleza, ela aproveitou com mais arte os seus recursos de escritora e deixou mais patente a sua sensibilidade” (PEREIRA, 1988, p. 261). É como se, nessa obra, a autora tivesse a liberdade de tratar de assuntos incommumente tratados à época, utilizando, em seus enredos, o inesperado, as diferentes realidades quanto à figura da mulher e a tragédia que paira sobre cada uma.

A escritora Lygia Fagundes Telles nasceu em 19 de abril de 1923, em São Paulo. Ela atuou em vários gêneros literários, mas teve um destaque fundamental no romance e no conto. Pensando na construção de suas obras, devemos levar em consideração alguns aspectos, como: a relação que é estabelecida com a realidade, tendo em vista que essa realidade parte do ponto de vista de uma mulher escritora num país com subdesenvolvimento, cheio de injustiças e preconceitos; e são esses elementos que vão compor o olhar dessa escritora. Além disso, parte de suas obras serão permeadas pela fantasia e pelo imaginário. Nota-se também a presença de narrativas que começam e terminam com um desfecho em aberto, sempre fazendo o leitor refletir.

Além disso, Telles apresenta-nos, em muitas de suas personagens, a realidade vivenciada por uma coletividade de mulheres. Em seus textos, não só nos é apresentada a história do mundo ocidental como também a repercussão das transformações dessa sociedade sobre a posição social feminina, ou seja, a existência de uma história da mulher.

MARCAS DO GÓTICO FEMININO NOS CONTOS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA E LYGIA FAGUNDES TELLES: UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL

Edgar Allan Poe diz o seguinte a respeito do gênero literário conto: “No conto breve, [...] o autor pode levar a cabo a totalidade de sua intenção, seja qual for. Durante a hora de leitura, a alma do leitor está sob controle do escritor” (POE apud KIEFER, 2011, p. 32). Os contos de Almeida e de Telles vão ao encontro dessa afirmação do contista, por serem breves e bem-postos. Elas vão construir, em suas coletâneas, diferentes enredos temáticos relacionados à posição da mulher e à imposição às quais elas eram expostas.

Os contos “As Rosas”, de Almeida, e “Venha ver o pôr do Sol”, de Telles, trazem personagens femininas dissonantes com a sociedade em que vivem e que tiveram um desfecho trágico por causa de figuras masculinas. Maurício Menon (2007), ao fazer a análise das personagens arquetípicas da literatura gótica, afirma que a perseguição da protagonista é, geralmente, o ponto de maior suspensão do texto, o clímax narrativo, em que o bem e o mal se confrontam.

Apesar de terem sido escritas em épocas diferentes, podemos perceber, em ambas as narrativas, de autoria feminina, a violência sobre esses corpos que, por tanto tempo, foram silenciados. Ao fazer a leitura desses textos, a aflição toma conta do leitor, pois são recheados de suspense até o momento final da narrativa, o que os faz se aproximarem do que Ellen Moers (1976) intitulou de “gótico feminino”.

Segundo Santos, “as convenções góticas são utilizadas como um mecanismo para explorar, na ficção, as insatisfações,

ansiedades e conflitos vivenciados pela mulher em um mundo dominado por valores patriarcais” (SANTOS, 2017, p. 36). Além disso, Santos vai elencar seis características que marcam esses textos: a adoção de uma perspectiva feminina; uma protagonista mulher; um ambiente doméstico como principal espaço narrativo; o homem como elemento transgressor; um enredo que revela segredos do passado e uma trama que destaca a violência e a opressão da qual as mulheres são vítimas. Com isso, a partir da análise desses dois contos, veremos como essas narrativas se aproximam da tradição literária gótica feminina como um instrumento de crítica e de denúncia das violências que as mulheres sofriam.

No conto “As Rosas”, de Júlia Lopes de Almeida, temos um narrador, que tudo indica que é uma mulher, que descreve seu jardineiro como: “[...] um homem de feio aspecto, todo coberto de pelos eriçados, vermelhaço de pele e de olhar desconfiado e sombrio” (ALMEIDA, 2019, p. 193). Muitos diziam para a mulher, dona da casa, que ela deveria dispensar o jardineiro, porque um dia ele iria lhe trazer problemas:

Mas, como ele era calado, metido consigo, e porque, principalmente, tratava muito bem as minhas flores, eu levantava os ombros: — Não era tanto assim! O pobre homem! Aqueles modos de animal bravio, não os tinha decerto por culpa sua! (ALMEIDA, 2019, p. 193)

De quem seria a culpa então? Em determinado momento, a dona das flores se surpreendeu com tantos botões e solicitou ao jardineiro que seria ela própria quem colheria todas as rosas, e o jardineiro aceitou com obediência. No entanto, na manhã

seguinte: “Olhei a roda e só vi folhas, folhas e mais folhas verdes! Nem uma flor!” (ALMEIDA, 2019, p. 194). E ela continua: “Gritei pelo jardineiro, e ele veio, como por encanto num momento, mas com tal jeito e tão desmudadas feições, que tive medo” (ALMEIDA, 2019, p. 194).

Assim, a mulher perguntou pelas rosas, e ele disse que estavam lá. Sabendo disso, ela o acompanhou para o quarto dele: “O quarto do jardineiro era ao fundo, entre a horta e o jardim, ao pé de dois limoeiros da Pérsia, de gostoso cheiro” (ALMEIDA, 2019, p. 194). No entanto, a mulher hesitou em entrar no quarto, e o jardineiro pediu que ela olhasse de onde ela estava: “No meio do quarto, sob uma avalanche de rosas perfumadíssimas, entrevi o corpo de uma mulher” (ALMEIDA, 2019, p. 195).

O jardineiro, então, afirma que aquela mulher era filha dele, a quem ele havia matado, cego de raiva, pois sua filha:

[...] veio bater ao portão, muito chorosa... porque o amante lhe batera... Ouviu bem, senhora?! Quis fazê-la jurar que desprezaria agora esse bandido, para viver só no meu carinho!... Eu havia de tratá-la com todo o mimo, como se fora uma criancinha... Fiz-lhe mil promessas, de joelhos, com lágrimas... Sabe o que me respondeu a tudo?! Que amava ainda outro! Cego de raiva, matei-a; ah! e não me arrependo... Antes morta por um pai honrado do que batida por um cão qualquer... (ALMEIDA, 2019, p. 195)

A partir disso, é possível notar, mais uma vez, o peso da honra perdida de um pai, que, movido pela raiva, matou a sua própria filha, visto que sua virtude fora perdida. Além disso, há também um caso de posse neste conto por parte desse pai. Tal relação de

posse aconteceu porque um “homem qualquer” (que, nesse caso, seria o amante da filha, por quem ela abandonou o lar paterno) não tinha o direito de bater em sua filha, porém ele, sendo o seu pai, tinha o direito de matá-la devido à sua desonra: “Depois de morta... achei-a linda, linda!...” (ALMEIDA, 2019, p. 195).

Com isso, há uma premissa inquestionável em mais um conto: depois que a virtude da moça fora perdida, não havia a possibilidade de voltar e ter uma vida normal, já que poucos eram os homens que aceitariam se casar com mulheres que haviam perdido suas purezas e que a tranquilidade era encontrada apenas na morte final. Assim como a filha do jardineiro tem esse destino trágico, outras personagens de Julia Lopes de Almeida também o tem como frutos de uma violência por parte de figuras patriarcais. O desfecho comum nos faz refletir os motivos pelos quais Almeida leva as protagonistas a esse tipo de fim trágico.

A escritora Júlia Lopes de Almeida não se utiliza de um final no intuito de ser moralizador, mas com o objetivo de criticar o padrão que aquela mulher está sendo obrigada a seguir. As mulheres, que saíam do espaço do lar, eram consideradas infratoras e deveriam suportar o peso da crítica e dos julgamentos, porque, em vez de vítimas eram consideradas culpadas. Nesses contos, pode-se perceber esse olhar de Almeida para essas situações pelas quais as mulheres passavam na época. Ela se utiliza desses finais justamente para poder passar uma informação sobre os moldes que a mulher deveria seguir, e por meio dessa estratégia, ela passa por uma crítica fundamentada nos valores patriarcais. Além disso, a escritora partilhava da ideia de novos horizontes para essa mulher, de novas chances, fora dos moldes patriarcais,

nos quais, a partir da educação e do trabalho, a mulher poderia contribuir ativamente para o crescimento da nação.

Já no conto “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles, notamos a presença de dois personagens: Ricardo e Raquel. O título do conto nos remete ao convite feito pelo rapaz, ex-namorado, à moça, de ir até o cemitério. A narrativa é repleta de simbolismo, tendo em vista que o pôr do sol remete-nos ao fim do dia e, por analogia, ao fim da vida, lembrando-nos da morte, marcada pela escuridão assim como a noite.

Ao longo da leitura do conto, podemos perceber os indícios de uma morte iminente espalhados por toda a superfície textual. Eles aparecem de forma encoberta, apenas como manifestação do estilo gótico, indicado já pelo espaço em que se desenvolve a intriga.

Por diversas vezes, ele a chama de “meu anjo”, o que podemos relacionar ao “anjinho de cabeça decepada” que surge na alameda do cemitério e, também, à concepção que temos dessa criatura divina, que habita uma outra dimensão. Temos, ainda, o momento em que a própria jovem parece sentir o aviso da morte: “Um pássaro rompeu o cipreste e soltou um grito. Ela estremeceu. — Esfriou, não? Vamos embora” (TELLES, 1981, p. 208).

Ao longo das conversas entre eles, pode-se perceber o inconformismo de Ricardo quanto ao novo relacionamento de Raquel:

— Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo. — É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais. — Ele é tão rico assim? — Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro... Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A

pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente ficou envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram. — Eu também te levei um dia para passear de barco, lembra? (TELLES, 1981, p. 206)

Com efeito, a passagem acima não só revela a perturbação do rapaz diante do poder aquisitivo de seu adversário, mas também aponta para a sua insatisfação quanto às novas circunstâncias, que incluem não ser mais ele quem possui o controle da vida de Raquel, colocando-se, até mesmo, na posição de ser dominado.

De fato, o texto nos mostra que, apesar de o rapaz disfarçar a sua perturbação, certas afirmações de Raquel, espalhadas ao longo do diálogo, revelam que ele não detinha mais uma posição de domínio sobre a vida dela, fazendo-o mudar totalmente de semblante e adotar uma aparência envelhecida, fechada, conforme a descrição do narrador nos indica em várias partes da narrativa.

Além disso, ressaltamos o comportamento autônomo da personagem ao resolver escolher um novo parceiro que corresponda às suas necessidades, aquele que considera a melhor opção para a sua vida, fazendo, portanto, valer suas vontades, e o mesmo acontece com o jardineiro e sua filha. Entretanto, no caso de Ricardo, essa falta se refere aos sentimentos de abandono e rejeição provocados pela perda de sua amada. Assim, sua carência faz com que ele se volte para o exercício da dominação sobre Raquel, que resulta na morte dela de forma fria e calculista ao chegar à catacumba dos familiares de Ricardo:

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta

à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás. – Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! – ordenou, torcendo o trinco. – Detesto esse tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida! – Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois, vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo. Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos. Em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque. – Boa noite, Raquel. (TELLES, 1981)

DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AULA: COMO ABORDAR OS CONTOS NA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO BÁSICA?

Com as obras já escolhidas, as atividades terão como tema central a discussão sobre o papel da mulher/violência contra a mulher a partir da leitura e da interpretação textual de ambos os contos. O objetivo geral com a produção das atividades é desenvolver a leitura e a compreensão de textos, a partir da análise de alguns exemplares do gênero “conto”, relacionando o texto ao seu contexto de produção. Além disso, ao propor uma atividade com esses contos, o professor precisa levar seus alunos a refletirem sobre a condição da mulher em nossa sociedade, a partir da leitura e da produção textual; identificar a analogia entre os temas e permitir que eles reconheçam essa funcionalidade no processo de leitura e interpretação textual, além, é claro de destacar as influências entre as obras.

Para tornar a aula mais dinâmica, os professores podem fazer uso de diferentes ferramentas a fim de tornar o processo de leitura

dos alunos mais dinâmico. O aplicativo Wordwall¹, por exemplo, emula jogos didáticos com suportes conhecidos, tais como: roletas, caça palavras, portas giratórias de programas de auditório etc. A segunda ferramenta que pode ser utilizada é o aplicativo chamado Jamboard², que possibilita a criação de um mural virtual no qual os alunos podem interagir ao acessar o *link* disponibilizado pela professora regente da turma.

Dessa maneira, pode ser que o engajamento dos alunos, ao utilizar esses elementos que fogem de um modelo de transmissor de conteúdo e receptor, melhore, colocando-os em uma posição mais ativa em meio a debates, conversas e questionamentos.

SOBRE A APLICAÇÃO EM SALA DE AULA

Ao propor esse estudo sobre os contos, torna-se necessário que ocorram dois momentos com os alunos:

[...] um momento de compreensão literal do sentido fora de contexto (sentido de língua); um momento de compreensão específica do sentido que é obtida ao final de uma atividade interpretativa a partir do contexto e da situação (sentido de discurso). (CHARAUDEAU, 2021, p. 5)

Primeiramente, propõe-se que seja feita uma leitura propriamente dita do sentido fora do contexto e, após esse processo, é importante que o professor apresente uma breve apresentação sobre as escritoras. É importante salientar que, durante esse momento, ainda não foram trabalhadas as possíveis intenções das escritoras ao escreverem seus contos.

1 Plataforma projetada para a criação de atividades personalizadas, em modelo gamificado.

2 Quadro virtual interativo desenvolvido pelo Google.

Com isso, é de suma importância que o plano de aula seja estruturado da seguinte forma: as aulas devem ser enumeradas, com o intuito de facilitar a organização; e, a cada uma dessas etapas, devem ser retomados conceitos lecionados na aula anterior, a fim de auxiliar os estudantes a fixar o conteúdo.

Na Aula 1, o professor ou professora deve fazer a apresentação do conto “Venha ver o pôr do sol”, a partir de uma leitura dramatizada realizada, até um momento de ápice do conto, com o intuito de instigar a curiosidade dos alunos. Após a leitura, tem-se como sugestão pedir que os alunos façam um levantamento de hipóteses acerca do que iria acontecer daquele ponto em diante no texto. Com isso, deve ser proposto que eles tragam, na aula seguinte, suas leituras e impressões sobre o desfecho do conto.

Posteriormente, como primeira etapa, tem-se como sugestão fazer uma breve exposição com o uso de *slides* sobre a escritora Lygia Fagundes Telles, comentando sobre sua vida e sobre sua carreira no meio literário. Na segunda parte da aula, haverá uma conversa sobre o desfecho do conto entre os alunos e os docentes, a respeito de suas expectativas sobre o final, verificando se elas haviam sido atendidas.

Após atividades variadas sobre o conto da Lygia, propõe-se que seja feita uma roda de leitura do conto “As Rosas”, de Júlia Lopes de Almeida, e uma análise oral sobre alguns pontos em comum com o conto lido anteriormente, com o intuito de que, em algum momento, os alunos pudessem abordar a questão do feminicídio. Nessa atividade, podem ser utilizadas as seguintes perguntas: Como a mulher é retratada no conto da Lygia? E no conto da Júlia?

Quem conta a história?; Vocês conseguem perceber, nos dois contos, como é descrito o cenário, o tempo e os personagens?; Os contos lidos se aproximam ou se distanciam? Que pontos os aproximam? Que pontos os distanciam?; Qual é a relação entre o título dos contos e as temáticas dos contos?; Que tipo de narrador é utilizado nos contos?; Como podemos comprovar essa afirmação a partir de elementos textuais presentes nos contos?; Que sensações foram despertadas em vocês no momento da leitura dos contos?; Em que época os contos provavelmente foram escritos?; Se vocês pudessem conversar com algum personagem, o que vocês poderiam dizer a ele? Todas essas perguntas podem ser contextualizadas oralmente durante a aula, e os alunos podem ter como auxílio a consulta dos contos.

Após esse processo, é importante apresentar para os alunos quem é a escritora Júlia Lopes de Almeida e o contexto social no qual ela estava inserida, abordando temas como sua importância ao ser cofundadora da Academia Brasileira de Letras e o veto que recebeu da mesma instituição. Além disso, os estudantes também podem ser levados a refletirem sobre a narrativa, verificando a interferência do contexto social e as estratégias utilizadas pela autora em seu texto.

Além disso, é extremamente necessário que seja feita uma abordagem do gênero, com o intuito de explicitar aos estudantes do segundo segmento do Ensino Fundamental quais eram as partes de um conto (introdução, desenvolvimento, ápice e desfecho), para que não se confundam ao realizarem a atividade final.

Como proposta de atividade final, os alunos terão a oportunidade de mudar os rumos da história lida. O educador/a

educadora pode fomentar uma proposta de escrita inventiva para que os alunos possam escrever um novo desfecho para os contos lidos e, por conta disso, torna-se necessário realizar a apresentação descrita no parágrafo anterior, evitando, dessa forma, que aqueles que façam a atividade possam cometer algum equívoco e escrevam além do desfecho, como, por exemplo, alterar o ápice (clímax) da história.

Por fim, é importante que o professor realize um debate sobre os finais escritos pelos alunos, sendo os textos lidos pelos próprios criadores ou professores, caso os estudantes não se sintam confiantes em sua leitura. Um dos objetivos desse trabalho de leitura é o de explorar a capacidade inventiva e criativa do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber, a partir da análise dos contos, muitas características que os aproximam do estilo gótico citado por Santos (2017). Em ambos, temos a adoção de uma perspectiva feminina, uma protagonista mulher; porém o ambiente doméstico como principal espaço narrativo, só o veremos no conto da escritora Júlia Lopes de Almeida. Já no texto da Lygia, pode-se perceber que o local em que a história se passa não é nada comum.

Além disso, temos o homem como elemento transgressor. No primeiro conto analisado, temos não somente um homem, mas dois: o companheiro e o pai, tendo em vista que a personagem sofreu violência de ambas as partes. No outro, temos a violência por parte de um ex-companheiro da personagem principal, Raquel. Nos dois textos, ambas as mulheres sofreram com a violência

por parte desses homens que queriam ter o controle sob os seus corpos e achavam que tinham o direito de fazer de tudo com eles.

Ademais, podemos perceber que os enredos revelam segredos do passado, a descoberta dos segredos dos homens, segredos esses manchados pelo sofrimento de outras mulheres. Nos contos, temos uma trama que destaca a violência e a opressão das quais as mulheres são vítimas diariamente, tendo em vista os nossos dias atuais. Sendo assim, muito ainda deve ser dito e feito a fim de que a sociedade compreenda que as mulheres não são objetos do discurso do “Outro”, pois as mesmas possuem um discurso próprio que deve ser ressoado.

A partir dessas breves reflexões dos contos das escritoras, busca-se procurar fazer com que essas vozes que foram há tanto tempo silenciadas possam se fazer presentes na história, demonstrando o modo como a escrita de autoria feminina consegue romper silêncios, preencher lacunas e, por extensão, reescrever a história constituída por colonizações, ditaduras, confrontos étnicos, exploração capitalista e relações hierárquicas/dicotômicas de gênero. Por esse viés, a literatura é aqui capturada como um constructo cultural cuja potência é representativa do espaço e da voz conquistados ao longo do tempo, permitindo a constituição de novas subjetividades nos modos de ser e sentir.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Ânsia eterna*. Brasília: Senado Federal, 2019.
- CHARAUDEAU, Patrick. Compreensão e interpretação: da hermenêutica às ciências da linguagem. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. 1-10, 2021.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 10.ed., 7. reimp. São Paulo: Contexto, 2020.

FAEDRICH, Anna. Memória e amnésia sexista: repertórios de exclusão das escritoras oitocentistas. *Letrônica*, Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, v. 11, n. especial (supl. 1), p. 164-177, set. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/>. Acesso em: 1 jun. 2020.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2016.

KIEFER, Charles. *A poética do conto: de Poe a Borges — um passeio pelo gênero*. São Paulo: Leya, 2011.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MENON, Maurício Cesar. Figurações do gótico e de seus desmembramentos na literatura brasileira de 1843 a 1932. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da Literatura Brasileira: prosa de ficção*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

RIO, João. A trajetória de Julia Lopes de Almeida. *Mulheres de Luta*. Disponível em: <https://www.mulheresdeluta.com.br/julia-lopes-de-almeida/>. Acesso em: 16 ago. 2022

SANTOS, Ana Paula Araújo. O gótico feminino na literatura brasileira: um estudo de Ânsia Eterna, de Júlia Lopes de Almeida. 2017. 91f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

TELLES, Lygia Fagundes. *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2015.

WALBY, Silvia. *Theorizing patriarchy*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.